I ENCONTRO INTERNACIONAL DE ETNOMUSICOLOGIA NEGRA

16 a 18 de Junho de 2026

Salvador

# Protagonismo de mulheres negras na educação: Trajetórias na Escola Especial - ERER e musicalidade

Caren Medeiros da Silva
SMED/POA
caren.silva1805@educar.poa.br

Tatiana Emilena Martins da Costa
SMED/POA
tatiana.pa1846@educar.poa.br

Resumo

O texto aborda o impacto da gestão e docência de mulheres negras na implementação da Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) dentro do contexto da Educação Especial, com foco na Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Lygia Morrone Averbuck, em Porto Alegre. As autoras, Caren Medeiros da Silva e Tatiana Emilena Martins da Costa, utilizam seus relatos autobiográficos e o conceito de "escrevivência" para demonstrar como a presença de lideranças negras na equipe pedagógica transforma a cultura escolar e institucionaliza o antirracismo no Projeto Político Pedagógico.A narrativa destaca a evolução dos projetos anuais da instituição entre 2023 e 2026, evidenciando um amadurecimento pedagógico que passou da visibilidade de personagens negros na literatura infantil até o estudo aprofundado de territórios quilombolas urbanos e comunidades indígenas locais. Além disso, a musicalidade e a capoeira são apresentadas como ferramentas metodológicas e cartográficas cruciais, atuando como linguagens universais que superam barreiras motoras e cognitivas de estudantes com deficiência, enquanto fortalecem sua autoestima, ancestralidade e processos de autodeclaração. Por fim, as autoras defendem o conceito de "aquilombamento" e a filosofia Ubuntu como estratégias de liderança coletiva e suporte mútuo essenciais para combater o racismo institucional e consolidar uma escola genuinamente inclusiva e pluricultural.

Palavras- chave: Educação Antirracista, Educação Especial, Representatividade, Musicalidade, Inclusão

Introdução

O protagonismo das mulheres negras na educação é um passo fundamental para a construção de uma pedagogia antirracista, onde as educadoras e intelectuais negras transformam a sala de aula em um espaço de representatividade e valorização de saberes historicamente negados pela nossa sociedade. Na educação esse protagonismo ocorre de diferentes formas e a cada ação pedagógica. A postura profissional vai se fundamentando conforme vamos nos constituindo como pessoas ao longo de nossas histórias. E como nos lembra Nêgo Bispo com seu conceito de confluência *"Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio; ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece"*.

As histórias de educadoras negras no Brasil misturam pioneirismo, resistência e transformação social, muitas delas usam a sala de aula para combater o racismo e abrir portas para os estudantes negros que muitas vezes não se sentem representados na nossa sociedade. Para nós educadoras negras, ter como referências educadoras como Petronilha, Lélia Gonzalez, Conceição Evaristo e Antonieta de Barros, entre outras, faz com possamos nos permitir também sermos a representatividade dos nossos estudantes. Por isso poder contar a nossa história é inspirar os jovens negros a serem protagonistas de suas prórpias histórias. Cabe destacar que:

> O aumento da representatividade das professoras negras nas escolas também pode ajudar a combater o racismo institucional e promover uma educação mais justa. Quando alunas e alunos veem professoras que compartilham suas histórias e vivências, há um fortalecimento dos laços identitários e maior valorização das experiências individuais e coletivas. (UFRGS, 2025, p.34)

**Nossas trajetórias**

Consideramos importante nos apresentarmos para você leitor entender um pouco da nossa trajetória.

Muito prazer! Meu nome é Caren, sou uma professora negra, com tom de pele parda. Minha carreira como professora municipal iniciou em outubro de 2002, em uma escola na zona leste de Porto Alegre. Nesta escola tinham oitenta e cinco professores e

funcionava nos três turnos, acredito que tínhamos no máximo cinco professoras/es negros. Eu, na época, não entendia a admiração de muitos estudantes. Depois compreendi que eles viam alguém com quem podiam se identificar.

Avancei na minha caminhada profissional e por um período trabalhei na secretaria de educação, no meu setor tínhamos umas vinte pessoas trabalhando e deste grupo apenas eu e outra colega negra, mas nós duas com pele parda.

Desde 2014 faço parte do grupo de professores da Escola Municipal Especial de Ensino Fundamental Lygia Morrone Averbuck. No ano de 2025 após eu buscar e realizar formações voltadas para educação das relações étnico-raciais, bem como formações voltadas para gestão da ERER fui convidada pela equipe pedagógica para assumir a coordenação do EEABI (Espaço Educativo Afro-brasileiro e Indígena) o que ampliou minha visão das propostas pedagógicas realizadas em todos os ciclos, possibilitou planejarmos e viabilizarmos formações para os professores voltadas para as questões antirracistas e as práticas pedagógicas.

- No ano de 2026 estou compondo a equipe pedagógica como orientadora educacional e a escola permanece possibilitado mais reflexões e ações voltadas para uma educação antirracista, acredito que isso é fruto da chegada de mais professoras/es negros que se reconhecem como negros. Esse pequeno grupo de colegas negros auxiliam/incentivam minha busca de instrumentalização/ reconhecimento/ fortalececimento para uma prática pedagógica antiracista, a caminhada não é fácil, mas um grupo que se apoie faz toda diferença.

Muito prazer! Meu nome é Tatiana, sou uma mulher negra, de pele clara, e a forma como a minha trajetória pessoal entrelaçou a minha prática pedagógica, fez com que eu buscasse a minha identidade, construindo a minha autopercepção através dos afetos e da minha constituição familiar. Somente aos 30 anos, quando tive meu primeiro filho, entendi a importância de me reconhecer e me autodeclarar negra. E com isso iniciei na minha trajetória profissional o compromisso ético de fazer a intersecção entre educação antirracista e o fortalecimento da autoestima dos estudantes.

Na minha trajetória na Escola Especial ser professora, atuar como coordenadora do EEABI (Espaço Educacional Afro Brasileiro e Indígena), fazer parte da equipe pedagógica possibilitou transformar a cultura escolar, pensar na gestão do currículo e

nas relações humanas. E também mostrar aos estudantes, professores, funcionários e demais membros da comunidade escolar que a população negra tem condições de estar em lugares de liderança, de intelectualidade e de gestão. Trazer através das nossas próprias experiências o ”nosso olhar treinado” para o racismo sutil, discriminação ou exclusão e atitudes que passariam desapercebidos por gestões que não vivenciaram essa realidade fez toda a diferença.




Figura 1 - Protagonismo de mulheres negras na educação
Fonte:Criada por Tatiana Emilena Martins da Costa, utilizando ferramenta Gemini

**Professoras negras e a mudança da prática de ERER na Escola Especial**

Nossa atuação é em uma Escola Especial, no município de Porto Alegre. Onde hoje temos na mesma caminhada duas professoras negras na gestão escolar, que através de suas experiências de vida transformam profundamente a experiência educativa de todos os estudantes, gerando impactos pedagógicos, emocionais e sociais. Introduzindo conceitos como a escrevivência e pedagogias baseadas na oralidade e comunidade. Priorizando, desta forma, uma escuta atenta que enxerga as vulnerabilidades sociais dos estudantes negros com deficiências, validando cada vez mais as personalidades, os

cientistas, os escritores, os esportistas e os intelectuais negros historicamente apagados da nossa memória.

> As professoras negras… Elas não são apenas educadoras, mas também referências de resistência e superação para muitas alunas e alunos. Por isso, é importante que o sistema educacional valorize e incentive a presença de mulheres negras na docência, reconhecendo suas contribuições e criando políticas de inclusão que favoreçam a diversidade no corpo docente.(UFRGS, 2025, p.33)

A nossa parceria iniciou, no primeiro momento, em sala de aula como professoras referências nas turmas de III Ciclo, buscamos realizar propostas voltadas para exploração de histórias de autores negros, que tivessem protagonistas negros, buscando a identificação positiva dos estudantes negros.

Seguindo o percurso  Tatiana assume a função de supervisora pedagógica o que possibilita ampliar as discussões para além do ciclo que estávamos, ainda de forma mais tímida. Dando continuidade assume também a Coordenação do EEABI (Espaço Educativo Afro-brasieliro e Indígena) o que viabiliza o planejamento de ações tanto de formação dos professores quanto de ações pedagógicas.

Concomitante a isso Caren no terceiro ciclo começa a construir com as demais professoras referências propostas de projetos voltadas para as questões de ERER (Educação das Relações Étnico Raciais) isso é possível observar nos temas dos projetos anuais da escola:

2023 - A magia de Aprender com a Turma da Mônica - Neste projeto tentamos dar visibilidade para personagens negros, indígenas e com deficiência. Neste mesmo ano recebemos pela primeira vez um autor negro na escola, Alan Alves Brito, do programa ADOTE um escritor, que ocorre anualmente em todas escolas municipais de Porto Alegre.

2024 - Conhecendo os povos e a cultura brasileira - Aqui intensificamos a proposta de conhecer mais da cultura dos povos indígenas e africanos. Como realizamos formações no curso UNIAFRO ofertado pela UFRGS, percebemos nossos equívocos como trabalhar de forma “generalizada” tanto os povos indígenas quanto os povos africanos.

2025 - A Natureza e os Conhecimentos Ancestrais dos Povos Indígenas e Quilombolas, neste projeto já apresentamos um “amadurecimento” pedagógico, pois

personalizamos os indígenas e quilombolas realizando pesquisas com participação das famílias e trabalhando sobre uma comunidade indígena de Porto Alegre, bem como conhecendo um Quilombo urbano de Porto Alegre viabilizando experiências concretas com os estudantes que conversaram e interagiram tanto com uma cacica como quanto com moradores do quilombo, ouvindo suas experiências e memórias.

2026 - Entre Cores e Culturas: Construindo Identidades, projeto atual do terceiro ciclo, que contempla a proposta anual da escola "Multicor e Multiculturalismo", proposta que também vem avançando quanto a possibilidade maior de trabalhar as questões relacionadas à educação das relações étnico-raciais. Observamos a mudança também nos outros ciclos com propostas que têm dado visibilidade para as questões dos povos indígenas e da cultura afro-brasileira, não somente na semana da consciência negra, mas sim ao longo do ano.

**MULTICOR E MULTICULTURALISMO**

Cores... Ahhh as cores...
Cores primárias falam da pureza de ser
Cores secundárias falam da mistura de crer
Cores terciárias surgem da união do ser
Cores que vibram
Cores que ditam
Cores que significam
Um estado de humor, uma sensação de felicidade ou de dor?
Cores que brilham um estado de poder
Cores que gritam um estado de sofrer
Cores são somente cores?
As cores estão em toda a nossa volta, estão no nosso jeito de ser...
E o multicolorido? E o multicor? E o arco-íris?
Tem muitas cores ou é composto de várias cores? E as cores do meu ser? E eu e você? Somos todos da mesma cor? E o colorismo? Você sabia que é uma forma de preconceito baseada no tom de pele? Você sabia que pessoas negras com tons de pele mais claros sofrem menos racismo do que pessoas negras com tons de peles mais escuras.
E sobre as cores?
E o multicolorido...

> Enfim… e o Multiculturalismo que é a convivência e valorização de diversas culturas, etnias, crenças e visões de mundo em um mesmo espaço,
> Promovendo o respeito e a interação entre elas, em contraste com a imposição de uma única cultura dominante. Vamos fazer desse ano uma escola multicor... Respeitando as características individuais e potencializando as cores de cada um!
>
> Tatiana Emilena Martins da Costa

Esse pequeno recorte dos projetos possibilita ilustrar a importância de podermos ocupar outros espaços na hierarquia da escola para contribuir com a problematização da ação pedagógica, nos últimos anos foram muitas propostas e desafios junto ao corpo docente. As propostas só foram realizadas por conseguirmos o apoio da equipe gestora, professoras negras na equipe pedagógica provocam ações que auxiliam na formação dos professores em busca de uma educação antirracista. Sendo nosso principal objetivo chegar no "miudinho" da sala de aula, que é a ação pedagógica dos professores junto aos estudantes.




Figura 2 - Professoras negras e a mudança da prática de ERER
Fonte:Criada por Caren Medeiros da Silva utilizando ferramenta Gemini

I ENCONTRO INTERNACIONAL DE ETNOMUSICOLOGIA NEGRA

16 a 18 de Junho de 2026

Salvador

**A Musicalidade sempre presente**

A beleza da educação para as relações étnico-raciais é que mesmo em projetos que o foco não é a música ela se faz presente, sendo possível perceber ao longo da trajetória pedagógica.

Em 2023 a proposta era explorar livros do autor Alan Alves Brito, deste trabalho surgiu uma música sobre o livro *Antônia e os cabelos que carregavam os segredos do universo*.

Já realizamos na escola o carnaval do Lygia, horas da cantoria realizadas mensalmente, saídas pedagógicas como visita ao museu do hip-hop e é lindo ver a participação dos estudantes, a alegria de se reconhecerem em diferentes momentos.

Alguns momentos foram muito significativos em relação à importância dos tambores tanto para musicalidade como para a identidade. Em Porto Alege temos uma saída pedagógica chamada Territórios Negros, no qual visitamos alguns locais de destaque para história do povo negro no centro histórico de Porto Alegre. Um destes locais é a Praça do Tambor, na qual há uma escultura de um tambor muito grande e com imagens gravadas nele. Um estudante ao chegar no local diz que sabe o que é aquilo, um tambor, e que ele sabe tocar e outra estudante também diz que conhece e começa a cantar um ponto cantado na religião de matriz africana.

Em outra saída pedagógica, quando visitamos o quilombo urbano Areal da Baronesa, um dos momentos da conversa ocorreu no local onde são realizadas oficinas de bateria da Escola de Samba - Areal para o futuro, que são realizadas na comunidade, muitos estudantes se identificam observando os tambores e outros instrumentos musicais presentes no local.

Na visita que recebemos da cacica na escola, esta abre nossa roda de conversa utilizando instrumentos musicais indígenas e com uma canção.

Atualmente na escola os estudantes do segundo ciclo realizam o projeto de capoeira e demonstram empolgação ao ouvir as músicas durante as aulas.

O professor de teatro organizando atividades para comemorarmos o dia do teatro e descobre que uma das agentes de inclusão da escola sabe dançar carimbó então organizam uma apresentação e rapidamente uma estudante consegue reproduzir a dança

e a música, os demais estudantes ficam encantados com essa música diferente das que estão acostumados a ouvir, mas que se torna tão envolvente em cada nota musical.




Figura 3 - A musicalidade sempre presente
Fonte:Criada por Caren Medeiros da Silva utilizando ferramenta Gemini

Aliar as relações étnico-raciais à Educação Especial é um ato de extrema necessidade. Estudantes com deficiência que também fazem parte de minorias raciais enfrentam duplas barreiras de vulnerabilidade e discriminação. A intersecção entre musicalidade, educação especial e ERER representa um dos caminhos mais potentes para a construção de uma escola verdadeiramente inclusiva, democrática e pluricultural. A música atua como uma linguagem universal que ultrapassa barreiras verbais e motoras, ao mesmo tempo em que resgata a memória ancestral.

**ERER um propósito da Escola Especial**

Ao institucionalizar o antirracismo a pauta deixa de ser o "projeto isolado de um professor engajado" e passa a ser uma diretriz dentro do projeto político pedagógico da escola. Professoras negras na equipe pedagógica, ocupam espaço de liderança e têm

legitimidade para trabalhar com corpo docente o planejamento de aulas antirracistas e promover formações pedagógicas sobre o letramento racial de forma contínua e não somente no mês de novembro.




Figura 4 - Cartografia da educação antirracista na escola
Fonte:Criada por Tatiana Emilena Martins da Costa utilizando ferramenta Gemini

Para os estudantes, especialmente os negros e aqueles com deficiência, ver alguém que se parece com eles em um cargo de liderança gera um impacto psicológico profundo, além da representatividade, autoestima e pertencimento. Projetamos a ampliação para o protagonismo dos estudantes e fortalecimento da identidade, visando a autodeclaração, o orgulho dos traços, do tom de pele, do cabelo e da cultura. Portanto utilizamos muito a literatura como ferramenta neste processo:

> Não é possível pôr em prática uma educação que repactua as relações étnico-raciais sem pensar na complexidade que estrutura esse jogo. E a literatura de autoria negra comprometida com o tensionamento das estruturas racializadas tem apresentado significativo potencial para tanto. (RODRIGUES, 2023, p.9)

Dois exemplos retratam a frase anterior. O primeiro é um estudante negro, com deficiência intelectual e TEA (Transtorno do Espectro Autista) escolhe pintar a o

desenho de um menino com a pele na cor marrom (algo que nunca fez) e se empoderar ao fazer fotos com tecidos africanos para representar um príncipe africano.

O segundo é um estudante negro retinto que após a contação da história Zum zum Zumbi de Sônia Rosa, na parte que menciona *"Zumbi era forte, valente, inteligente e bonito como você", "Zumbi tinha a cor da noite e brilhava muito"* abre um sorriso e melhora a postura. Esse mesmo estudante antes de começarmos a trabalhar com histórias afro-afetivas, apresentava muita timidez, sempre sério, ao longo do tempo e com a mudança das propostas é um jovem que aparenta estar mais feliz no espaço escolar, interagindo mais, sorrindo mais.

Esses são só dois exemplos diante de várias outras sutilezas do cotidiano que nos fazem pensar que uma educação antiracista tem seu valor por isso, por fazer estudantes negros se sentirem pertencentes ao espaço escolar e os demais puderem enxergar a beleza, a riqueza, a diversidade da cultura afro-brasileira. Para muitos professores isso passaria despercebido, mas para nós professores negros é de um grande significado, onde esses pequenos detalhes nos fazem comemorar e continuar e persistir na caminhada por uma educação antirracista. Para todos, para cada um!

> A escola pode ser considerada, então, como um dos espaços que interferem na construção da identidade negra. O olhar lançado sobre o negro e sua cultura, no interior da escola, tanto pode valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las. (GOMES, 2002, p.39)

Na nossa comunidade escolar estamos construindo diálogos mais horizontais e empáticos com as famílias. Desmistificando e trazendo para a comunidade discussões sobre racismo, letramento e inclusão de forma que todos se sintam pertencentes à comunidade escolar e ao ambiente da escola.

Ao propor uma educação antirracista que utiliza recursos diversificados, incluindo o lúdico, as experiências concretas e a musicalidade nas propostas pedagógicas, criamos ambientes de acessibilidade plena, onde o afeto, o pertencimento e a cultura chegam a todos os estudantes, independentemente de suas especificidades cognitivas, quebrando barreiras de aprendizagem e resgatando as identidades. Como dizia nossa inspiração Angela Davis: "Numa sociedade racista, não basta não ser racista. É necessário ser antirracista."

Os professores ao se instrumentalizar sobre os temas de Educação para as Relações Étnicos Raciais criam ambientes favoráveis a identificar e combater o racismo institucional na escola, produzem materiais didáticos e metodologias ainda mais inclusivas e representativas e fortalecem a comunidade escolar. E com os demais professores negros cria-se um ecossistema de fortalecimento mútuo de alinhamento, empoderamento e encorajamento. Onde se estabelece uma postura de liderança coletiva, o aquilombamento, com comportamentos proativos e multiplicadores.

> …é preciso reconhecer que a escola, como espaço de disputa e encontro das diferenças, é também um espaço privilegiado para o estabelecimento do diálogo, de construção ou fortalecimento das identidades raciais. (ROSA, 2021, p.74)

Dentro dessa perspectiva, hoje na escola trabalhamos com esse fortalecimento, onde lideranças negras frequentemente se apoiam em conceitos como o Ubuntu: *Eu sou porque nós somos*.

**Referências**

BARRETO, Kátia Santiago; VIEIRA, Luciana Martins; AZAMBUJA, Maria José Baltar de (org.). Lygia Morrone Averbuck: memórias e vivências inclusivas de uma escola pública na educação especial. Porto Alegre, RS: Ed. dos Autores, 2025.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. Aletria: Revista de Estudos de Literatura, Belo Horizonte, v. 9, p. 38-47, dez. 2002.

RODRIGUES, Thiago Martins. Que literatura para a ERER? Que ERER para a literatura? Cadernos do Aplicação, Porto Alegre, v. 36, p. 1-19, 2023.

ROSA, Graziela Oliveira Neto da. A educação para as relações étnico-raciais desde a educação infantil: memórias, vivências e culturas. In: _____. A Educação para as Relações Étnico-Raciais em Porto Alegre. Porto Alegre, 2021.

UFRGS. Culturas e territorialidades:curso de formação para docência e gestão para Educação das Relações Étnico-Raciais e Educação Escolar Quilombola. Porto Alegre, 2025.